

ESPINOSA NA OBRA DE MACHADO DE ASSIS

Marcos Ferreira de Paula

O homem tem admirado a natureza por todos os lados e todos os modos. Chega mesmo a penetrar nela, se é poeta ou filósofo.

Machado de Assis.
Crônicas, 26 de setembro de 1864.

Resumo:

É habitual reconhecer a influência do pensamento de Schopenhauer na obra de Machado de Assis. O presente artigo debruça-se sobre uma outra influência, até aqui pouco estudada mas que marcou profundamente o pensamento de Machado - o filósofo Spinoza.

Palavras Chave: Schopenhauer, Spinoza, filosofia, felicidade, eternidade.

Espinosa in the works of Machado de Assis

Abstract:

Almost the whole critical tradition of Machado de Assis's work recognizes the influence of Schopenhauer's thought on the writer. This article deals with another philosophical influence, still little studied, but which, in some way, marked Machado's thought profusely: Spinoza

Keywords: Schopenhauer, Spinoza, philosophy, happiness, eternity

1. O lugar de uma presença

Talvez todo grande escritor seja também, de algum modo e à sua maneira, um filósofo. Se a filosofia conserva sempre a aspiração de alcançar o fundo das coisas, seus fundamentos últimos, ainda que sejam os fundamentos racionais que, ao contrário, exporiam precisamente a impossibilidade de se alcançar pela razão tais “fundamentos últimos”, suas “causas primeiras” etc. – se é assim, então o trabalho literário dos grandes escritores alcança, por sua profundidade, pontos em que se encontra com a reflexão propriamente filosófica. William Shakespeare, Eça de Queirós, Gustave Flaubert, Marcel

Proust, Dostoievsky, Tolstói, Fernando Pessoa, Jorge Luís Borges, Guimarães Rosas, para citar alguns célebres exemplos, foram certamente escritores filósofos, porque criaram obras em que os vemos preocupados com as grandes questões que são também as que ocupam as páginas dos grandes filósofos: a vida, o homem, a natureza, deus, a história, a sociedade, a política, a ética, a alma, as paixões, o amor, a liberdade... E Machado de Assis está certamente entre esses eminentes escritores que criaram não só monumentos estéticos, mas primorosas reflexões filosóficas.

No caso da obra machadiana, todavia, quando se trata de aproximá-la a algum filósofo ou reivindicar, nela, a presença de alguma filosofia, pensa-se imediatamente, e quase exclusivamente, no pensamento de Schopenhauer. São inumeráveis os trabalhos da tradição crítica literária a reivindicar um Machado de Assis schopenhaueriano. Não vamos, aqui, contestá-la, sobretudo porque há evidências explícitas e diretas, na própria obra de Machado – particularmente *Quincas Borba*, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *Memorial de Aires* e alguns contos e crônicas –, a sustentar esta tese tantas vezes retomada pela crítica e por vários comentadores. Gostaríamos, no entanto, de seguir outro caminho e tratar de uma outra presença filosófica, cuja importância parece ter sido minimizada, quando não ignorada, pelos críticos e comentadores da obra de Machado de Assis: o filósofo de Amsterdam, Baruch de Espinosa.

Não é nosso objetivo reivindicar um Machado de Assis que, em vez de schopenhaueriano, seria, ao contrário, espinosano. Esse trabalho estaria talvez fadado ao fracasso. Não porque Machado seria um e não o outro, mas porque, ao nosso ver, não é nem um nem outro, mas ele mesmo: se é para falar de um Machado de Assis filósofo, sua filosofia não seria nem schopenhaueriana, nem espinosana, mas propriamente “machadiana”. O tema do nosso artigo, contudo, também não é este. Queremos apenas marcar o valor de uma presença e de uma influência até agora menosprezada. Queremos apenas marcar o lugar que Espinosa ocupa na obra de Machado de Assis, que, não por acaso, lhe dedicou um belo poema, sobre qual falaremos mais adiante.

2. Pessimismo schopenhaueriano?

Após tantos e bons trabalhos, muitos deles consagrados pela fortuna crítica da obra machadiana, já não resta qualquer dúvida sobre a presença e a importância de Schopenhauer na obra e no pensamento de Machado de Assis. Estudos sobre sua biblioteca, e do que dela chegou até nós, revelam que, dentre os autores alemães,

Schopenhauer certamente se destaca, ocupando a maior parte de suas estantes. Machado lia o autor de *O mundo como vontade e como representação* em traduções francesas, e, como sugere Jean-Michel Massa, é possível que, já na altura dos seus cinquenta anos, Machado tenha se dedicado ao estudo da língua alemã para poder ler Schopenhauer no original¹ – é possível, embora não se possa afirmá-lo com certeza.

Quando, no entanto, se busca tratar das relações entre Machado de Assis e “o filósofo de Danzig” é sempre, ou quase sempre, pela via do *pessimismo*. Um dos exemplos mais citados é a crônica “O autor de si mesmo”, publicada na *Gazeta de Notícias* (Rio de Janeiro), em 16 de junho de 1895, na qual Machado faz referência direta à “Metafísica do Amor” de Schopenhauer. Augusto Meyer, num ensaio sobre Machado que leva o título da própria crônica, considerou-a “uma de suas páginas essenciais”². Baseado na notícia de um assassinato ocorrido por aqueles dias na cidade de Porto Alegre, no sul do Brasil, Machado constrói uma narrativa irônica pela qual oferece uma hipótese que explicasse o fato de uma criança (Abílio) ter sido abandonada pelos próprios pais (Guimarães e Cristina) numa estrebaria, na qual morreu após três dias de sofrimentos (sede, fome, dor). A hipótese é extraída da *Metafísica do amor*, já contida em *O mundo como vontade e como representação*: o culpado da tragédia seria o próprio filho! A ideia, resumidamente, seria a seguinte: foi por obra da Vontade que um dia Guimarães e Cristina, ao se encontrarem, apaixonaram-se; não obstante todas as representações que puderam fazer sobre o amor, o belo, a paixão recíproca, a união matrimonial sagrada etc., o fato é que o que os uniu realmente foi a expressão, nesse encontro, de uma *vontade de vida*, pela qual o casal foi levado ao intercuro sexual *para* que Abílio pudesse nascer e viver. Na “metafísica da vontade” de Schopenhauer, o amor entre os pais não passaria de um grande artifício da natureza para efetivar o maior dos objetivos da humanidade, que é o de conservar a existência, sob a forma da preservação da vida da espécie³. Após uma passagem em que Abílio deposita nos pais a causa de sua desgraça, Machado então ironiza:

¹ Jean-Michel Massa. “A biblioteca de Machado de Assis”, in: JOBIM, J. L. (org.). *A biblioteca de Machado de Assis*. Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras/Topbooks, 2001, p. 31.

² Augusto Meyer. *Machado de Assis (1935-1958)*. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 2008, p. 139.

³ Em sua *Metafísica do Amor*, Schopenhauer escreve: “O que se anuncia na consciência individual como impulso sexual em geral que não se dirige para um indivíduo determinado do outro sexo é simplesmente a Vontade de vida em si mesma, e fora do fenômeno. O que aparece porém na consciência como impulso sexual para um indivíduo determinado é, em si mesma, a Vontade enquanto querer-viver de um indivíduo precisamente determinado.

Neste ponto do discurso é que o filósofo de Dantzig, se fosse vivo e estivesse em Porto Alegre, bradaria com a sua velha irritação: "Cala a boca, Abílio. Tu não só ignoras a verdade, mas até esqueces o passado. Que culpa podem ter essas duas criaturas humanas, se tu mesmo é que as ligaste? Não te lembras que, quando Guimarães passava e olhava Cristina, e Cristina para ele cada um cuidando de si, tu és que os fizeste atraídos e namorados? Foi a tua ânsia de vir a este mundo que os ligou sob a forma de paixão e de escolha pessoal. Eles cuidaram fazer o seu negócio, e fizeram o teu. Se te saiu mal o negócio, a culpa não é deles, mas tua, e não sei se tua somente... Sobre isto, é melhor que aproveites o tempo que ainda te sobrar das galinhas, para ler o trecho da minha grande obra, em que explico as cousas pelo miúdo. É uma pérola. Está no tomo II, livro IV, capítulo XLIV... Anda, Abílio, a verdade é verdade ainda à hora da morte. Não creias nos professores de filosofia, nem na peste de Hegel...⁴

É bastante conhecida a fina e elegante ironia nos textos de Machado, assim como o seu humor, para que possamos tomar estas linhas como expressão de uma aceitação pura e simples da metafísica de Schopenhauer. Ele apenas extrai dela uma consequência lógica: se a metafísica da vontade e, por extensão, a “metafísica do amor” estiverem corretas, não se pode atribuir a causa do destino de Abílio aos seus pais, pois a “vontade metafísica” precede as vontades individuais e as determina, de tal maneira que foi a *vontade de vida* de Abílio que o fez vir ao mundo, por meio de Guimarães e Cristina. E o que é este mundo, senão um mundo de dor e de sofrimentos causados justamente pelo desejo subjetivo dos indivíduos que, desconhecendo a verdade da Vontade em si, cometem mil e um atos insanos – como o assassinato do próprio filho – em nome de seus desejos particulares?

Neste caso, o impulso sexual, embora sendo de fato uma necessidade subjetiva, sabe pôr, com habilidade, a máscara de uma admiração objetiva, iludindo assim a consciência: pois a natureza precisa desse estratagema para atingir seus fins. O fato de que por mais objetiva e sublime que possa parecer essa admiração, todo estar-enamorado tem em mira unicamente a procriação de um indivíduo de determinada índole, logo se confirma por não ser o essencial a simples correspondência amorosa, mas a posse, isto é, o gozo físico”. Cf. Arthur Schopenhauer. *Metafísica do amor, metafísica da morte*. São Paulo, Martins Fontes, 2004, p. 10. Analisando esta mesma crônica de Machado, a filósofa Rosa M. Dias escreve: “Segundo Schopenhauer, só a metafísica da vontade pode dar a chave do grande enigma do amor, que não é função do espírito, nem desejo instintivo de unidade, ao contrário, é o mais engenhoso dos artifícios da natureza para pôr em prática o importante objetivo da vida humana: a preservação da existência”. Cf. Rosa M. Dias “Autor de si mesmo: Machado de Assis leitor de Schopenhauer”, in: *Revista Kriterion*. Belo Horizonte, no. 112, dez./2005, pp. 382-392, p. 386.

⁴ Machado de Assis. *A semana*. São Paulo, Penguin & Cia. Das Letras, 2013, p. 236-237.

Mas será o próprio Schopenhauer um pessimista? Há dúvidas. Seríamos levados por outros caminhos, entretanto, se quiséssemos determinar o quanto o qualificativo cabe ao filósofo, tarefa que alguns comentadores não deixaram de discutir. Em todo caso, a *Metafísica do Belo*, como se sabe, oferecerá uma saída, uma solução estética – que é também ética⁵ – para o problema da Vontade. A contemplação desinteressada do belo permitiria ao contemplador uma espécie de prazer ou satisfação sem motivos, sem interesses, o que constitui a negação mesma da Vontade. O problema é que este é um atributo sobretudo do *gênio*, único sujeito capaz de dissolver-se completamente no objeto, de fundir-se com ele na contemplação, “restando apenas o *puro sujeito que conhece*”⁶. Tarefa para poucos, portanto, mas de qualquer forma uma saída, uma solução. Pessimista, Schopenhauer?

O muitas vezes alegado “pessimismo schopenhaueriano” de Machado de Assis é ainda mais discutível. Num ensaio recentemente publicado no Brasil, Todd Garth procurou mostrar o quanto a apropriação machadiana do pensamento de Schopenhauer coloca em questão noções centrais do pensamento do filósofo de Frankfurt. Tomando o romance *Quincas Borba* como exemplo privilegiado, Garth considera que Machado põe em questão, dentre outros princípios, a possibilidade de distinção real entre vontade objetiva geral e interesses ou desejos subjetivos:

Em reação à visão de Schopenhauer, Machado nos apresenta Pedro Rubião de Alvarenga, mais tolo do que gênio. A vida de Rubião consiste numa série desse tipo de encontros com objetos (inorgânicos, orgânicos, animais, humanos), e a contemplação sincera, inocente deles, junto com um esforço consistente e igualmente sincero – embora fracassado – para suprimir a vontade individual.

O momento inicial de *Quincas Borba* exemplifica a confrontação que Machado faz com os princípios de Schopenhauer. Rubião está de pé junto à janela da sala suntuosa, olhos, mente e “espírito” fixos na vista esteticamente agradável de uma canoa que passa na água em frente. Ao mesmo tempo, o coração bate com alegria, em reação à sensação e

⁵ Comentando a relação entre ética e estética em Schopenhauer, o filósofo Jair Barbosa escreve: “Belo é o que agrada ‘sem nenhum interesse’, já dizia Kant em uma de suas definições do juízo-de-gosto. Schopenhauer assimila essa definição e diz que belo é aquilo que agrada em nenhum motivo (interesse), isto é, nega a Vontade. Nesse sentido, podemos denominar o modo de consideração estético um *quietivo* do querer, a preceder seu próximo estágio de negação, o ético, representado pela compaixão e pela ascese, temas do quarto livro de *O mundo...* Eis por que, pelo conceito de negação da Vontade, existe um parentesco entre estética e ética no pensamento de Schopenhauer”. Cf. Jair Barbosa. “Apresentação”, in: Arthur Schopenhauer. *Metafísica do Belo*. São Paulo, Unesp, 2003, p. 18-19.

⁶ Arthur Schopenhauer. *Metafísica do Belo*. São Paulo, Unesp, 2003, p. 61, grifos do autor.

consciência poderosa de ser capitalista, proprietário e mestre de tudo à vista, desde as chinelas até o céu acima⁷.

Da mesma maneira, também é questionado o princípio ético-estético de que a dissolução do sujeito na contemplação desinteressada do objeto é obra da genialidade. Em *Quincas Borba*, tal dissolução parece ser antes um ato de loucura, o gênio e o louco estando na verdade muito próximos, algo de que o louco Rubião daria um bom exemplo: “O cerne de sua loucura, como a de Dom Quixote, é a inabilidade de distinguir entre a vida e suas representações”⁸. Mas há mais: em Machado, segundo Garth, encontramos a rejeição do pessimismo pela alternativa de uma ética do trabalho e da compaixão sóbria, sincera e sem conflitos (entre duas vontades supostamente distintas), do que dá exemplo o casal Fernanda e Teófilo. “Se *Quincas Borba* nos apresenta uma alternativa ao pessimismo filosófico que tanto perturba Machado de Assis, é este casal”, afirma Garth⁹, que, em outra passagem, acrescenta:

Na busca por alternativas éticas, Machado coloca a esperança nas figuras mais prosaicas imagináveis – em personagens que evocam a tradição romântica no Realismo. Tais figuras, rodeadas pelo mundo das aparências, do interesse, da decepção e do engano, oferecem compaixão, companheirismo e trabalho a serviço dos objetos e das pessoas que encontram na vida cotidiana¹⁰.

Em todo caso, Jean-Michel Massa, o grande conhecedor da vida e da obra do autor de *Dom Casmurro*, emitiu uma vez a seguinte opinião:

Quanto à maturidade e velhice do escritor, abstenho-nos de afirmar que ele era pessimista só porque muitos contos são histórias tristes. Machado de Assis nos parece, ao contrário, um autor sereno, olímpico, que, pela criação literária, atingiu à sua maneira a *catharsis*. Mas isto é uma outra história¹¹.

⁷ Todd Garth. “‘Viu o que era’: a ética, a representação e o olhar schopenhaueriano em *Quincas Borba*”, in: Benedito Antunes; Sérgio V. Motta (orgs.). *Machado de Assis e a crítica internacional*. São Paulo, Unesp, 2009, p. 134.

⁸ Todd Garth, *op. cit.*, p. 138.

⁹ Todd Garth, *op. cit.*, p. 149.

¹⁰ Todd Garth, *op. cit.*, p. 150.

¹¹ Uma “outra história” porque Massa, no livro em que faz essa afirmação, está interessado apenas no período da juventude do escritor. Cf. Jean-Michel Massa. *A juventude de Machado de Assis: 1839-1870. Ensaio de biografia intelectual*. São Paulo, Unesp, 2009, p. 498. Acrescentaríamos, de resto, que também a vida amorosa de Machado de Assis parece testemunhar contra o pessimismo schopenhaueriano. Sobre o casamento, o autor de *O mundo como vontade e representação* teria dito: “Esse erro eu não cometerei”. E de fato não se

3. A imagem marcante

Houve, entretanto, uma outra alternativa a Machado de Assis. E essa alternativa talvez tenha sido apresentada ao romancista pelo próprio Schopenhauer. Se, de fato, o filósofo chegou a imprimir, alguma vez, certa visão sombria do mundo e do drama da existência humana na vida e na obra de Machado – algo de que, contudo, ele soube se “esquivar”, como vimos acima – foi também Schopenhauer que possivelmente deixou um outro legado a Machado de Assis: o próprio contato com Espinosa. A hipótese, aqui, é a de que terá sido através de uma passagem de *O mundo como vontade e representação* que Machado de Assis chegou até Espinosa. No Parágrafo 68 do Livro Quarto, “Do Mundo como Vontade”, Schopenhauer faz um elogio aos parágrafos iniciais, ou “introdução”, do *Tractatus de Intellectus Emendatione*, num momento de *O mundo...* em que está a tecer elogios às biografias dos “santos” e outras figuras que foram capazes de realizar o ideal ético de “negação da Vontade”. Escreve, então, o “filósofo de Frankfurt” sobre o “filósofo de Amsterdam”:

Poderíamos aqui incluir como um exemplo parecido, dando um certo desconto, até mesmo a conhecida biografia de Espinosa, se usarmos como chave para ela a sua excelente introdução ao deficiente ensaio *De emendatione intellectus*, pois se trata do introito mais eficiente que conheço como calmante para a tempestade das paixões, e que recomendo¹².

casou. Machado de Assis, pelo contrário, casou-se aos 30 anos com a portuguesa dos Açores, Carolina, e viveu com ela até o fim. Não tiveram filhos e, segundo seus biógrafos, viveu bem com ela até a morte de Carolina, em 1904. Ademais, entre as qualidades da moça que Machado valorizava, e que elencava como causa de seu amor por ela, estava o elemento intelectual, a “razão tão reta”, o pensar, expressão de um certo “amor intelectual” que o aproxima mais de Espinosa do que do filósofo alemão. Em carta de 2 de março de 1869, ele escrevia a Carolina: “Há uma razão capital, e é que tu não te pareces nada com as mulheres vulgares que tenho conhecido. Espírito e coração como os teus são prendas raras; alma tão boa e tão elevada, sensibilidade tão melindrosa, razão tão reta não são bens que a natureza espalhasse às mãos cheias pelo teu sexo. Tu pertences ao pequeno número de mulheres que ainda sabem amar, sentir e pensar. Como te não amaria eu?”. Cf. Machado de Assis. *Obra completa em quatro volumes – Vol. III*. Org.: A. Leite; Ana L. Cecílio; Heloisa Jahn. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 2008, p. 1349.

¹² Arthur Schopenhauer. *O mundo como vontade e como representação*. São Paulo, Unesp, 2005, p. 488-89.

Se Machado admirava tanto o grande Schopenhauer, uma recomendação sua deveria soar quase como uma ordem, em que pese toda a autonomia intelectual do escritor, que provavelmente só veio a ter contato com Espinosa após 1870.

Machado leu Espinosa também em traduções francesas¹³. Na verdade, a maior parte das obras filosóficas inglesas e alemãs, assim como as de Erasmo e Espinosa, Machado as possuía em língua francesa. Melhor: a maior parte de sua biblioteca pessoal era de língua francesa. Quase 57% de suas obras era em francês, e apenas cerca de 25% era em português¹⁴. Nisso, nenhuma anormalidade: país relativamente jovem, recém liberto do domínio de Portugal e sob forte influência da “*civilisation française*”, o Brasil do século XIX dava ainda seus passos iniciais na construção de tradições literárias, filosóficas e científicas. Um escritor erudito como Machado, na época, só poderia então ter acesso a muitas obras importantes da cultura ocidental em traduções francesas. Eram estas as duas obras de Espinosa que Machado possuía em sua biblioteca:

- 1) SPINOZA, B. de. Œuvres complètes de Baruch de Spinoza. Traduit et annotées par J. G. Prat. *Première série*. Paris, Librairie Hachette, 1873.
- 2) SPINOZA, B. de. Œuvres complètes de Baruch de Spinoza. Traduit et annotées par J. G. Prat. *Deuxième série*. Paris, Librairie Hachette, 1872¹⁵.

No primeiro tomo (*Première série*), além dos *Princípios da filosofia de Descartes* e das *Meditações metafísicas*, estavam presentes as duas biografias de Espinosa escrita por Lucas e por Colerus, ambas intituladas, nas Œuvres I, simplesmente como *Vie de Spinoza*. O segundo tomo (*Deuxième série*) trazia o *Tratado Teológico Político*. Não sabemos se Machado chegou a ler a grande obra de Espinosa, a *Ética*. Certamente, não é porque não a tinha em suas estantes que não a leu: não lemos tudo o que temos em nossa biblioteca, e nem tudo aquilo que lemos estão nela. Ademais, as obras de Espinosa já circulavam no Rio de Janeiro dos tempos de Machado, pelo menos desde inícios da segunda metade do século XIX – com exceção, muito provavelmente, do *Breve Tratado*, obra que só viria a ser estabelecido

¹³ Jean-Michel Massa, J-M. “A biblioteca de Machado de Assis”, in: *op. cit.*, 2001, p. 32.

¹⁴ Glória Vianna. “Revendo a biblioteca de Machado de Assis”, in: JOBIM, J. L. (org.), *op. cit.*, 2001, p. 125.

¹⁵ Jean-Michel Massa, J-M. “A biblioteca de Machado de Assis”, in: *op. cit.*, 2001, p. 35. Machado adquiriu ambas as obras na *Livraria acadêmica J. G. de Azevedo*, na qual ele comprou 21 volumes do total de sua biblioteca. A maior parte de suas obras foram adquiridas nas livrarias Garnier, na Rua do Ouvidor, e Lombaerts, na Rua do Ourives, bastante famosas na cidade do Rio de Janeiro, à época de Machado. Cf. Glória Vianna, *op. cit.*, 2001, p. 127.

após 1860. Terá Machado lido a grande obra de Espinosa, a *Ética*, ou o próprio *Tratado da Emenda do Intelecto*, recomendado por Schopenhauer? Não sabemos. Machado não as cita em nenhuma parte. Em todo caso, parece muito provável que Machado leu as biografias de Lucas e Colerus. Um forte indício desse fato encontra-se no poema dedicado a Espinosa.

Machado de Assis escreveu quatro volumes de poesia. *Crisálidas*, o primeiro, foi publicado em 1864. Seis anos depois, 1870, viria à luz o volume *Falenas*. E *Americanas* apareceu em 1875. Em 1900, Machado reuniu estas três obras em um único volume – *Poesias Completas*, impresso em Paris – e acrescentou mais uma obra, que recebeu o título de *Ocidentais*. É nesta última obra que consta seu poema sobre Espinosa, o qual fora publicado pela primeira vez dez anos antes das *Poesias Completas*, precisamente em 15 de janeiro de 1880, na *Revista Brasileira*, volume III¹⁶. É portanto um poema que pertence à fase da maturidade do escritor brasileiro¹⁷. Eis o poema:

ESPINOSA

Gosto de ver-te, grave e solitário,
Sob o fumo de esqualida candeia,
Nas mãos a ferramenta de operário,
E na cabeça a coruscante ideia

E enquanto o pensamento delinea
Uma filosofia, o pão diário
A tua mão a labutar granjeia
E achas na independência teu salário

Soem cá fora agitações e lutas,
Sibila o bafo aspérrimo do inverno,
Tu trabalhas, tu pensas, tu executas

Sóbrio, tranquilo, desvelado e terno,
A lei comum, e morres, e transmutas
O suado labor em prêmio eterno

Machado utiliza aqui, como em vários outros poemas, a clássica forma do soneto, empregando versos regulares na métrica decassílaba, essa invenção italiana¹⁸. O

¹⁶ Trata-se de uma importante publicação literária surgida em 1855 e que, embora irregularmente, permanecerá no cenário literário brasileiro por várias décadas, pelo menos até a década de 1940 Cf. Rutszkaya Queiroz dos Reis. *Machado de Assis: a poesia completa*. São Paulo, Nankin/Edusp, 2009, p. 242.

¹⁷Cláudio M. Leal. *Toda a poesia de Machado de Assis*. São Paulo, Record, 2008.

¹⁸ Nas línguas românicas, escreve Antonio Cândido, a classificação dos tipos de métrica se dá “não em função dos segmentos, mas das sílabas poéticas que contém [...]”. Atualmente, conta-se até a última tônica em francês, e, a seu exemplo, em português; conta-se até à

soneto é uma dessas formas de composição poética que, como afirmava Antonio Candido em suas lições, permitem muito bem a conjunção entre sensibilidade e clareza¹⁹, algo muito apropriado ao escritor amante das letras e das ideias. Mas Machado não é, no campo da poesia, um inovador, como o foi em seus romances de maturidade, pelos quais é considerado por muitos autores um precursor das vanguardas literárias modernistas, que no Brasil só iriam emergir de fato após 1920.

Mas o que podemos ver neste soneto sobre Espinosa? O traço mais evidente que parece se destacar e chamar a atenção do leitor é a presença de uma *imagem* do *homem* Espinosa. Na primeira estrofe, essa imagem é ainda marcada por uma certa dualidade. Machado vê Espinosa trabalhando e pensando, e parece opor, de um lado, trabalho intelectual e trabalho manual, embora precisamente a junção das duas atividades seja objeto de elogio por parte de Machado; de outro lado, a riqueza espiritual da ideia, do pensamento, opõe-se à pobreza das condições externas objetivas, algo que, não sendo essencial, ou sendo mera futilidade, não é também objeto de preocupação do “santo filósofo”. De fato, o “Fumo”, a fumaça que impregna o ambiente do filósofo é “esquálida”, ou seja, pobre, fraca, suja; mas a ela se opõe uma “coruscante ideia”, isto é, uma ideia faiscante, reluzente, intensamente brilhante. Dualidade: pobreza dos corpos que compõem o ambiente, riqueza das ideias que constituem o pensamento filosófico. Uma visão de certo modo intelectualista de Espinosa: louvor da mente e da interioridade, desprezo pelo corpo e pela exterioridade.

Contudo, nas três últimas estrofes esse dualismo vai se desfazendo, até finalmente se dissolver nos três últimos versos. Na segunda estrofe, temos a imagem de um Espinosa que alcança a autonomia (“independência”) enquanto *trabalha*, mas também enquanto *pensa*: na medida em que as mãos do então famoso “polidor de lentes” trabalham para “granjejar” o “pão diário”, o pensamento vai tecendo os fios de uma “filosofia”, e ambos proporcionam autonomia – material, num caso, afetiva, cognitiva, filosófica, no outro. Trabalho e pensamento: a não oposição, ou pelo menos a conciliação entre ambos, devia ser também um tema caro ao próprio Machado de Assis, ele que foi caixeiro do comércio, na juventude, e funcionário público até idade avançada²⁰. De qualquer forma, a fantasia machadiana, que tem por base as duas biografias que provavelmente leu, não leva

última, átona ou tônica, em espanhol e italiano”. Cf. Antonio Cândido. *Estudo analítico do poema*. São Paulo, Humanitas/FFLCH-USP, 2006, p. 51.

¹⁹ Antonio Cândido, *op. cit.*, 2006, p. 20.

²⁰ Dau Bastos. *Machado de Assis: num recanto, um mundo inteiro*. Rio de Janeiro, Garamond, 2008, p. 255-256.

em conta que Espinosa não trabalhou durante toda a sua vida como exímio polidor de lentes: pelo menos desde 1667, como sabemos, viveu com a ajuda de seu amigo Simon Joosten Des Vries, que lhe ofereceu uma pequena mas suficiente pensão suficiente mensal de 300 florins²¹.

Na terceira estrofe, encontramos as oposições entre mundo externo e vida interior, meditativa, filosófica, contemplativa; e entre agitação e frio, de um lado, tranquilidade e calor aconchegante, do outro. No entanto, a oposição entre trabalho (manual) e pensamento (intelectual), está sendo desfeita: não importa o que está ocorrendo lá fora; dentro, “Espinosa” trabalha, pensa e executa. E o faz de maneira sóbria, tranquila, desvelada, terna. Mas o que é que ele assim o faz? Trabalha forjando e executando o quê? A resposta só nos é oferecida na quarta e última estrofe: trata-se da “lei comum”, isto é, as leis da Natureza, os fios imanentes que tecem todo o Real. Desse árduo trabalho, resultará a eternidade da própria obra deixada pelo filósofo, obra que, nascida de um “suado labor”, ficaria para eternidade, após a morte de Espinosa em 1677: eis o “prêmio eterno”, não só de Espinosa, mas de todos os seus futuros leitores, incluindo, evidentemente, o próprio Machado.

Conhecemos as fontes dessas imagens que desenham um Espinosa tranquilo, retirado, longe das agitações, e que viveu apenas de seu árduo e concentrado trabalho de polimento de lentes, ou de uma pequena ajuda de um dos seus amigos; um Espinosa terno, bondoso, solitário, independente do mundo exterior. Ela nos foi legada sobretudo pelos dois primeiros biógrafos do filósofo: de um lado, *La Vie et l'esprit de Monsieur Benoit de Spinoza*, escrita por Lucas, ou Jean Maximilian Lucas, o protestante francês, refugiado na Holanda, que conheceu pessoalmente Espinosa, a quem ele se referia como seu “ilustre amigo”²²; de outro lado, a biografia de Colerus, ou Johan Köhler, ministro luterano que, embora discordando totalmente das ideias de Espinosa, buscou reconstruir sua vida da maneira mais fiel que lhe era possível. Nas duas biografias, em que pese a adesão de um e a aversão do outro sobre o pensamento do filósofo, forjou-se a imagem do filósofo sereno e virtuoso, alheio à agitação do mundo e ao calor das paixões, imagem que um parte dos críticos de Espinosa utilizará para fundamentar a ideia posterior de um “ateu virtuoso”.

Por mais que as biografias contemporâneas tenham vindo corrigir as imagens românticas sobre Espinosa, os trabalhos de Lucas e Colerus não estavam completamente

²¹ Steven Nadler. *Espinosa: vida e obra*. Men Martins, Publicações Europa-América, 2003, p. 267.

²² Steven Nadler, *op. cit.*, 2003, p. 55.

errados. Se é verdade que é preciso não fantasiar demasiado a vida de Espinosa, no limite transformando-o no “cristo dos filósofos”, também é verdade que a imagem de uma vida agitada, “mundana” (no sentido pejorativo do termo), ardentemente passional etc., igualmente não faria justiça à biografia do filósofo da felicidade, isto é, da verdadeira tranquilidade do ânimo. Contudo, foi essa *imagem* das primeiras biografias de Espinosa que parece ter afetado o já maduro Machado de Assis, por volta de 1880. E isso não é pouco, porque precisamente sua trajetória será marcada por essa imagem, na qual se encontra talvez um processo de identificação do escritor com o autor da *Ética*: Machado o vê como alguém que soube e pôde se dedicar ao trabalho intelectual acima de tudo; e se não chegou a ler, teve pelo menos um vislumbre, como que através de névoas, daquilo que Espinosa chamou de “*amor intelectual de Deus*”.

Ainda que seja uma imagem, ela foi de tal forma marcante, que levou o grande escritor a exprimir-se em versos. A poesia é própria para condensar em signos e significados aquilo que sentimos, aquilo que nos afetou de tal modo que não podemos deixar dizer, de exprimir de algum modo. Afinal, o que leva alguém a escrever um poema sobre um filósofo? É um gesto que deve ter algo a dizer. Não se trata de uma mera nota, escrita nas margens de algum livro de Espinosa que Machado possuía em sua biblioteca. Não se trata de algum apontamento sem importância. É um poema, e um poema diz sempre algo mais do que exprime em seus versos. Um poema nunca é somente um trabalho com a palavra. Se a poesia pode ser “tomada como a forma suprema de atividade criadora da palavra”, essa criação em geral nasce de “intuições profundas e dando acesso a um mundo de excepcional eficácia”, como afirma o grande Antonio Candido²³. Um poeta não escreve sobre qualquer coisa. Em geral, o material com que ele lida são acontecimentos, paisagens, pessoas, personagens, ideias, que de algum modo e por algum motivo marcaram sua vida. Se o poeta escreve sobre algo, se se dá o trabalho e se despende o esforço de recriar, sob a forma da poesia, o “objeto” que o afetou, é porque não pôde deixar de fazê-lo. Aquilo ou aquele que o afetou precisaram receber uma expressão estética: foi a maneira de o poeta dizer o quanto aquilo ou aquele o marcou, o quanto foram importantes em sua vida, de tal modo que não podiam passar em branco, sem registro. A marca que Espinosa deve ter deixado em Machado de Assis precisou ela mesma receber uma expressão poética na obra do escritor. Mas quais seriam a qualidade e a força dessa marca impressa na alma de Machado?

²³ Antonio Cândido, *op. cit.*, 2006, p. 12.

4. Infinito, eternidade, felicidade

Em plena segunda metade do século XIX, e os primeiros anos do século XX, em meio à vida cotidiana da cidade do Rio de Janeiro, umas vezes pacata, outras agitada, Machado de Assis encontrou lugar para o infinito e o eterno. As ideias de infinitude e eternidade aparecem algumas vezes, sobretudo nas grandes obras da maturidade, e é possível ver nelas a presença de Espinosa, ainda que seja como um eco distante e como gesto de uma escrita inconsciente. Refletindo sobre a presença do eterno na obra do escritor, K. David Jackson escreve, sugerindo uma hipótese:

Pode ser que Machado tenha chegado ao ponto do eterno por meio de uma de suas metáforas insólitas, explicitadas em *Dom Casmurro* (capítulo XVI), a de um ‘relógio do céu’ cujas pêndulas unem a brevidade do cotidiano ao infinito²⁴.

A passagem a que Jackson se refere encontra-se, na verdade, no famoso capítulo XXXII, “Olhos de ressaca”, de *Dom Casmurro*:

Só os relógios do céu terão marcado esse tempo infinito e breve. A eternidade tem suas pêndulas; nem por não acabar nunca deixa de querer saber a duração das felicidades e dos suplícios.²⁵

Uma eternidade que nunca acaba, e que portanto nunca começa, é uma eternidade pouco ou nada espinosana, é verdade, uma vez que, como sabemos, Espinosa exclui do conceito de eternidade qualquer referência ao tempo. “Por eternidade entendo a própria existência enquanto concebida seguir necessariamente da só definição da coisa eterna”, enuncia a definição 8 da *Ética* I; e o filósofo explica em seguida:

Tal existência, pois, assim como uma essência de coisa, é concebida como verdade eterna, e por isso não pode ser explicada pela duração ou pelo tempo, ainda que se conceba a duração carecer de princípio e fim²⁶.

Contudo, numa crônica de 16 de setembro de 1894, o mesmo Machado de Assis escreve algo muito mais próximo do sentido espinosano de eternidade: “Não há

²⁴ David K. Jackson. “A modernidade do eterno em Machado de Assis”, in: Benedito Antunes; Sérgio V. Motta (orgs.), *op. cit.*, p. 60.

²⁵ Machado de Assis. *Dom Casmurro*. São Paulo, Martins Fontes, 1988, p. 85.

²⁶ Baruch de Espinosa. *Ética*. São Paulo, Edusp, 2015, Parte I, def. 8, p. 46.

tempo nem espaço, há só eternidade e infinito, que nos levam consigo”. E precisamente esse “nos levam consigo” permite-nos dizer que na “metafísica machadiana” os modos finitos – nós, por exemplo – têm o seu lugar: a eternidade e o infinito não fazem os modos finitos desaparecerem num “mar da indiferença”. A metafísica de Machado não seria hegeliana...

Sabemos que eternidade, necessidade e liberdade, em Espinosa, são conceitos correlatos. A definição 7 da *Ética* I enuncia:

É dita livre aquela coisa que existe a partir da só necessidade de sua natureza e determina-se por si só a agir. Porém, necessária, ou antes coagida, aquela que é determinada por outro a existir e a operar de maneira certa e determinada²⁷.

Uma vez que a eternidade é definida como a existência que segue necessariamente apenas da definição da coisa eterna, a Natureza, ou Deus, é absolutamente livre, porque, causa de si mesmo, ele é a existência necessária da qual decorrem necessariamente infinitas coisas em infinitas maneiras: “Da necessidade da natureza divina”, escreve Espinosa, “devem seguir infinitas coisas em infinitos modos (isto é, tudo que pode cair sob o intelecto infinito)”. Espinosa desfaz o elo – que a tradição sempre fez, antes e depois dele – que ligava liberdade e livre-arbítrio ou liberdade da vontade. Liberdade é a livre necessidade, produção da própria existência a partir da própria natureza da coisa. Nessa “ontologia do necessário”, para usar a famosa expressão de Marilena Chaui²⁸, não há portanto lugar para qualquer concepção de livre-arbítrio. De fato, Espinosa demonstra a proposição I, 28, segundo a qual todo modo finito é determinado a agir e operar por outro modo finito, e este por outro, e assim infinitamente²⁹; e, na proposição seguinte, ele afirma: “Na natureza das coisas nada é dado de contingente, mas tudo é determinado pela necessidade da natureza divina a existir e operar de maneira certa”³⁰. O filósofo então pode concluir, na proposição I, 32: “A vontade não pode ser chamada causa livre, mas somente necessária”³¹.

Também no pensamento de Machado de Assis, contra toda uma tradição filosófica, nós vamos encontrar essa negação do livre-arbítrio. Em *Memorial de Aires*, mesmo

²⁷ Baruch de Espinosa, *op. cit.*, Parte I, def. 7, p. 46

²⁸ Marilena Chaui. *A nervura do real, liberdade e imanência em Espinosa*. São Paulo, Companhia das Letras, 1999, p. 901.

²⁹ Baruch de Espinosa, *op. cit.*, Parte I, prop. 28, p. 93.

³⁰ Baruch de Espinosa, *op. cit.*, Parte I, prop. 29, p. 95.

³¹ Baruch de Espinosa, *op. cit.*, Parte I, prop. 32, p. 99.

um simples gesto de olhar para trás, após um encontrado inesperado, no Largo do Machado, com Fidélia e D. Carmo, leva o Conselheiro Aires a refletir: “Poderia fazer outra coisa? É aqui que gostaria de possuir tudo o que a filosofia tem dito e redito do livre-arbítrio, a fim de o negar ainda uma vez [...]”³². Eternidade dos gestos do corpo, e da ideia que a mente é dele, eles mesmos determinados numa rede infinitamente complexa de determinações, gestos que emergem no seio da *Natura naturata*, não como atos predeterminados, mas antes como movimentos imanentes ao eterno e infinito movimento de autoprodução necessária da Substância absolutamente infinita... Não é de modo algum impossível que justamente essa eternidade, que em Espinosa se diz também *necessidade*, habitasse a mente do grande escritor, quando ele escrevia pensamentos como esta passagem do *Memorial*...

E é justamente em *Memorial de Aires*, último romance de Machado de Assis, que o escritor afirma: “Felicidade rima com eternidade”. A frase foi proferida na memória do dia “18 de setembro de 1888”, quando essa “figura absolutamente machadiana”³³ que é o Conselheiro Aires se vê diante de uma “experiência” aparentemente banal do tempo: o trem, no qual ele viaja com o amigo Campos, rumo a Petrópolis, é rápido demais, e por isso já não permite a contemplação. E não se trata, aqui, de nostalgia pelos velhos transportes movidos a cavalos, mas sim de um fruir, no instante presente, da duração das coisas no gesto mesmo de contemplação da cidade e do mar que vão ficando para trás, no espaço, porém presentes e impregnados na temporalidade do corpo que se deixa afetar ao

³² Essa passagem também é comentada por K. David Jackson. “A modernidade do eterno em Machado de Assis”, in: Benedito Antunes; Sérgio V. Motta (orgs.), *op. cit.*, p. 63. É preciso dizer que dificilmente essa negação machadiana do livre-arbítrio poderia encontrar sua inspiração no pensamento de Schopenhauer. No parágrafo 55 do Livro Quarto de *O mundo como vontade e representação*, ele faz a crítica tanto de Descartes quanto de Espinosa, que teriam sido levados “a identificar a decisão da vontade com a faculdade de afirmar ou negar”: um equívoco, segundo ele, pois afirmar e negar é uma propriedade da *vontade*, e não das *representações*. Estas estão justamente na base do que difere a liberdade humana da necessidade animal: o animal tem sua vontade determinada por uma “representação intuitiva”, necessariamente conectada a motivos presentes, concretos, enquanto o homem “esforça-se em excluir completamente esse tipo de motivação, ao procurar determinar-se exclusivamente por motivos abstratos”, utilizando sua “prerrogativa da razão”. Cf. Arthur Schopenhauer, *op. cit.*, p. 386-7. O filósofo alemão, de resto, fará em outro momento da obra a distinção clássica entre liberdade e necessidade, ao tratar do problema da “AUTOSSUPRESSÃO DA VONTADE”, que é precisamente a “LIBERDADE DA VONTADE”, afirmando que “NECESSIDADE é o REINO DA NATUREZA; LIBERDADE é o REINO DA GRAÇA” (*Ibidem*, p. 510-511, grifos do autor).

³³ É assim que Alfredo Bosi se refere à personagem do Conselheiro, em *Memorial de Aires*, personagem que também participa do penúltimo romance de Machado. Cf. Alfredo Bosi. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo, Cultrix, 2013, p. 193.

contemplar a paisagem. Por isso, ao comentar essa passagem, o grande crítico literário brasileiro, Alfredo Bosi, escreveu:

[...] e o pouco tempo [de vida] que se tem não pode ser dissipado em querelas vãs. Esse pouco deve render muito, durar lento lento, simulando o tempo sem tempo da felicidade”³⁴.

Machado de Assis parece ter-se encontrado, de algum modo, com Espinosa, esse filósofo da felicidade, isto é, do *amor intelectual de Deus* que nasce da ideia que a mente humana é capaz de formar sobre a essência singular do corpo próprio, compreendido sob o aspecto da eternidade (*sub specie aeternitatis*)³⁵. Por quais caminhos de leitura realizou-se esse bom encontro é difícil saber, porque não sabemos exatamente o que de fato Machado leu de Espinosa e sobre ele, além das biografias de Lucas e Colerus. Obras de Espinosa em francês e inglês certamente já circulavam no Rio de Janeiro e São Paulo, na segunda metade do século XIX. Mas não sabemos se o escritor terá lido a *Ética*, ou o *Tratado da Emenda do Intelecto*. Em todo caso, para além do poema que dedicou ao filósofo, há vários elementos, indícios, passagens, reflexões, que permitem afirmar que Espinosa deixou uma marca forte e duradoura na obra, no pensamento e talvez até na vida do grande escritor. Do contato que Machado pôde ter com Espinosa, ficaram vestígios indeléveis: os sinais, talvez, de uma felicidade possível, uma felicidade que poderia ser conquistada, não por um ilusório livre-arbítrio, mas *aeternâ quâdam necessitate*, por alguma necessidade eterna³⁶.

³⁴ Alfredo Bosi, *op. cit.* São Paulo, Ática, 1999, p. 132.

³⁵ Baruch de Espinosa, *op. cit.*, parte V, prop. 29, p. 559.

³⁶ Baruch de Espinosa, *op. cit.*, parte V, prop. 42, esc., p. 577.

Bibliografia

- Assis, Machado de. *A semana*. São Paulo, Penguin & Companhia das Letras, 2013.
- Assis, Machado de. *Dom Casmurro*. São Paulo, Martins Fontes, 1985.
- Assis, Machado de. *Obra completa em quatro volumes – Vol. III*. Org.: A. Leite; Ana L. Cecilio; Heloisa Jahn. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 2008.
- Barbosa, Jair. “Apresentação”, in: Schopenhauer, Arthur. *Metafísica* do Belo. São Paulo, Unesp, 2003.
- Bastos, Dau. *Machado de Assis: num recanto, um mundo inteiro*. Rio de Janeiro, Garamond, 2008.
- Bosi, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo, Cultrix, 2013.
- Bosi, Alfredo. *Machado de Assis: o enigma do olhar*. São Paulo, Ática, 1999.
- Cândido, Antonio. *Estudo analítico do poema*. São Paulo, Humanitas/FFLCH-USP, 2006.
- CHAUI, M. A nervura do real: liberdade e imanência em Espinosa. São Paulo, Companhia das Letras, 1999.
- DIAS, Rosa M. “Autor de si mesmo: Machado de Assis leitor de Schopenhauer”, in: *Revista Kriterion*. Belo Horizonte, no. 112, dez./2005, pp. 382-392.
- ESPINOSA, Baruch de. *Ética*. São Paulo, Edusp, 2015.
- GARTH, Todd. “‘Vi o que era’: a ética, a representação e o olhar schopenhaueriano em Quincas Borba”, in: ANTUNES, Benedito; MOTTA, Sérgio V. (orgs.). *Machado de Assis e a crítica internacional*. São Paulo, Unesp, 2009.
- JACKSON, K. David. “A modernidade do eterno em Machado de Assis”, in: ANTUNES, Benedito; MOTTA, Sérgio V. (orgs.). *Machado de Assis e a crítica internacional*. São Paulo, Unesp, 2009.
- LEAL, Cláudio M. *Toda a poesia de Machado de Assis*. São Paulo, Record, 2008.
- MASSA, Jean-Michel. *A juventude de Machado de Assis: 1839-1870. Ensaio de biografia intelectual*. São Paulo, Unesp, 2009,
- MASSA, J-M. “A biblioteca de Machado de Assis”, in: JOBIM, J. L. (org.). *A biblioteca de Machado de Assis*. Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras/Topbooks, 2001.
- MEYER, Augusto. *Machado de Assis (1935-1958)*. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 2008
- NADLER, Steven. *Espinosa: vida e obra*. Men Martins, Publicações Europa-América, 2003.

REIS, R. Queiroz. *Machado de Assis: a poesia completa*. São Paulo, Nankin/Edusp, 2009.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Metafísica do amor, metafísica da morte*. São Paulo, Martins Fontes, 2004.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Metafísica do Belo*. São Paulo, Unesp, 2003.

SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*. São Paulo, Unesp, 2005.

VIANNA, Glória. “Reverendo a biblioteca de Machado de Assis”, in: JOBIM, J. L. (org.). *A biblioteca de Machado de Assis*. Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras/Topbooks, 2001.

Marcos Ferreira de Paula

Ph.D - Philosopher and professor at the Federal University of São Paulo. Author, among others, of *Alegria e Felicidade: a experiência do processo liberador em Espinosa*. São Paulo: Edusp, 2017.

marcosfdepaula@yahoo.fr